

Filosofia Intercultural: uma clarificação conceitual junto com sua aplicação no Ensino e Pesquisa além dos limites da Tradição Filosófica Ocidental

Intercultural Philosophy: a conceptual clarification along with its application in Teaching and Research beyond the limits of Western Philosophical tradition

Ram Adhar Mall

RESUMO

O artigo aborda a hegemonia da filosofia ocidental em currículos globais e a ausência de filosofias não-europeias em cursos ocidentais, resultado do colonialismo e da autouniversalização. Mall defende que a filosofia é inerentemente intercultural, sendo, portanto, a expressão “filosofia intercultural” uma tautologia. Não se trata de uma nova disciplina, ecletismo, ou reação, mas de uma convicção e atitude de não aceitar nenhuma filosofia como definitiva ou definidora. Metodologicamente, o autor rejeita privilégios e hierarquias, valorizando a pluralidade cultural, propondo uma hermenêutica não-redutiva que busca “centros que intersectam” garantindo comunicação e preservação das características individuais. Advoga, ainda, uma nova historiografia da filosofia, desvinculada do eurocentrismo, que reconheça a universalidade mínima da racionalidade filosófica em todas as tradições e promova a emancipação das filosofias não-ocidentais. Essa “revolução copernicana” coloca um sol perene da filosofia no centro, incluindo todas as tradições, visando a unidade em face da diversidade e permitindo a crítica mútua com base na aceitação da legitimidade filosófica do outro.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia Intercultural, Eurocentrismo, Historiografia da Filosofia, Pluralismo, Hermenêutica.

ABSTRACT

The article reflects on the hegemony of Western philosophy in global curricula and the absence of non-European philosophies in Western academic courses, a consequence of colonialism and self-universalization. Mall argues that philosophy is inherently intercultural, making the term “intercultural philosophy” a tautology. It is not a new discipline, eclecticism, or reaction, but rather a conviction and attitude of refusing to accept any single philosophy as definitive or normative. Methodologically, the author rejects privileges and hierarchies, emphasizing cultural plurality and proposing a non-reductive hermeneutics that seeks “intersecting centers” to ensure communication while preserving individual characteristics. He further advocates for a new historiography of philosophy, one detached from Eurocentrism, that acknowledges the minimal universality of philosophical rationality across all traditions and promotes the emancipation of non-Western philosophies. This “Copernican revolution” places a perpetual sun of philosophy at the center, encompassing all traditions, aiming for unity amidst diversity, and enabling mutual critique based on the recognition of the other's philosophical legitimacy.

KEYWORDS

Intercultural Philosophy, Eurocentrism, Historiography of Philosophy, Pluralism, Hermeneutics

¹ Conferência de Filosofia em São Paulo, Brasil apresentada em 1º de Dezembro de 2017 durante a *IV Jornada de Filosofia Oriental da FFLCH/USP* (de 27 de Nov. a 1º de Dez., 2017).

Texto traduzido por João Alves de Souza Neto com Revisão técnica da tradução por Lucas Nascimento Machado, ambos membros fundadores da Associação Latino-Americana de Filosofia Intercultural (ALAFI).

² Nota do tradutor [N. T.]: Filosofia enquanto filosofia

1. Algumas observações introdutórias¹

Gostaria de começar minha palestra com a seguinte questão e observação: como ocorreu o fato de que a filosofia ocidental é uma parte dos currículos de filosofia em praticamente todos os departamentos de filosofia de universidades em países não-ocidentais, mas a filosofia não-europeia está presente por meio de sua ausência em praticamente todos os departamentos de universidades ocidentais? Há várias razões para essa anomalia, mas nenhuma delas é filosoficamente convincente, especialmente do ponto de vista da filosofia intercultural. Todas as razões, se elas são mesmo razões, estão do lado de fora, em campos como colonialismo e imperialismo cultural e, acima de tudo, na autouniversalização e absolutização que a filosofia ocidental traz de casa. Poderia existir uma instância maior do *partem pro toto* — parte pelo todo — em que a parte é confundida com o todo? Quão triste é termos estudantes de filosofia que se titulam com um Bacharelado ou um Mestrado em filosofia e nunca ouviram os nomes de filósofos não-europeus como Nagarjuna, Shankara, Chuang Tze [Zhuangzi] e Avicena [Ibn Sīnā], para nomear somente alguns.

A tese central proposta, discutida e defendida aqui é a seguinte: a filosofia *qua* filosofia² não é uma posse exclusiva de ninguém. O mesmo se aplica aos diversos sistemas filosóficos, escolas filosóficas e tradições filosóficas. O julgamento precedente é — longe de ser uma atitude transcendental, essencialista, puramente formal, analítica e *a priori* — uma extrapolação da experiência de nossa leitura hermenêutica imparcial do vasto campo de historiadores da

³ N. T.: Mais literalmente: dessituação situada. No original: *situated unsituatedness* (inglês), *orthafte Ortlosigkeit* (alemão).

filosofia do mundo todo. A filosofia é, assim, intercultural por natureza, e não está longe da verdade dizer que filosofia intercultural é, pelo contrário, uma tautologia. A filosofia intercultural como um conceito abrangente possui algum tipo de “não-contextualidade contextualizada”³.

Uma nota autobiográfica sobre como eu pessoalmente cheguei a uma orientação intercultural de filosofia pode ser apropriada aqui.

Durante minha pesquisa de pós-doutorado na Universidade de Colônia, Alemanha, na primeira metade [da década] de 1970, frequentemente ouvi, até mesmo de filósofos bem-informados, que filosofia é uma realização exclusivamente ocidental. Somado a isso existiu (e ainda existe) a alegação de que a mente ocidental não somente entende a si mesma da melhor maneira possível, mas também entende a mente não-ocidental melhor que ela jamais entenderá a si mesma. Eu ainda lembro vivamente a questão um tanto retórica posta a mim por um filósofo, durante meus anos de pós-doutorado na Universidade de Colônia, na Alemanha: “Como pode você, sendo um asiático, um indiano, entender filosofia europeia tão bem a ponto de que você possa fazer sua ‘habilitação’ aqui e se tornar um ‘livre-docente’ e um professor [titular]?”.

A simples questão que me abateu foi: Por que essa estrada de mão-única? Por que esse monólogo hermenêutico? Por que essa singularização em combinação com universalização? Por que esse privilégio de mente pequena de uma particular *Gestalt* de filosofia? A Filosofia Intercultural como eu a entendo e a pratico tem sua origem nessas questões. Em

seu livro recém-publicado, com o provocativo título *Podem não-europeus pensar?*⁴, Hamid Dabashi escreve:

⁴ N. T.: A citação que se segue é de uma entrevista concedida por Hamid Dabashi à Revista Eletrônica New Humanist (DABASHI, 2015a). O livro *Can non-Europeans think?* ainda não possui tradução para português (DABASHI, 2015b).

Alguns expoentes filósofos europeus da atualidade têm herdado esse mau-hábito de universalizar seus particulares, e quando eles vêm dizer qualquer coisa acerca de um local não-europeu particular, eles parecem completamente fora de propósito (DABASHI, 2015, n. p.).

Em seu *Manifesto em favor da Re:emergência Filosófica* (GANERI, 2016), com uma antevisão de um futuro promissor, Jonardon Ganeri escreve:

Essa concepção de filosofia incorpora um tipo de realismo pluralista, um compromisso com a afirmação de que há muitos caminhos para investigar uma realidade cuja existência é independente de investigadores humanos, uma pluralidade de caminhos para pensar que não podem ser reduzidos a nenhum modo de interrogação (menos ainda a um uso colonial da razão) (GANERI, 2016, p. 141).

Em minha tentativa de responder à questão: O que é a filosofia intercultural, o que é uma orientação filosófica intercultural ou o que significa filosofar interculturalmente, me encontrei apanhado em uma situação um pouco paradoxal, que eu não posso nem evitar completamente nem resolver inteiramente, dado que sou um *insider* e um *outsider* ao mesmo tempo. É verdade que pensar de dentro de mais de uma tradição é uma experiência perturbadora bem como enriquecedora e recompensadora. Minha experiência é a de que o pertencimento de alguém a culturas diferentes não

o torna inapto a fazer filosofia interculturalmente; pelo contrário, favorece-o.

Todas as maneiras de se fazer filosofia estão comprometidas com uma ideia reguladora universal de *philosophia perennis*. Essa “filosofia perene” tem de resistir à tentação de ser essencializada ou ontologizada por qualquer tradição filosófica ou escola de filosofia. É verdade que o universalismo em sua forma extrema pleiteia a favor da tese de que é com uma e a mesma *philosophia perennis* que todas as tradições filosóficas lidam e nos provêm com diferentes respostas. A orientação filosófica intercultural rejeita tal ideia de *philosophia perennis* pois ela está pesadamente sobrecarregada com seus compromissos ontológicos, especulativos, metafísicos e ideológicos. Karl Jaspers é um dos poucos filósofos modernos que parece interpretar a *philosophia perennis* no espírito de uma filosofia intercultural. “É a *philosophia perennis*”, ele escreve, “que fornece o chão comum onde as mais distantes pessoas estão relacionadas umas com as outras, o chinês com o ocidental, os pensadores de 2500 anos atrás com aqueles do presente”.⁵

⁵ JASPER (1982, p. 56):
Weltgeschichte der Philosophie
[História Mundial da Filosofia].
Einleitung [Introdução].
Aus dem Nachlaß
herausgegeben von Hans Saner
[Editado a partir do espólio de
Hans Saner]. Tradução do autor.

A situação paradoxal há pouco aludida é também promissora, pois o fenômeno da interculturalidade não é somente uma categoria intelectual e estética para mim, mas uma categoria bastante existencial e empírica. Minha cultura e educação indianas, junto com meu estudo e treinamento em filosofia europeia pelos últimos quarenta anos, me forneceram a oportunidade de fazer filosofia de uma perspectiva intercultural, e de ver a partir do ponto de vista do outro com uma postura crítica que está, ao mesmo tempo, em todo lugar e em lugar nenhum.

É verdade que o termo “filosofia” é definido de múltiplas maneiras, mas isso é verdade não somente intraculturalmente como também interculturalmente. Existem duas atitudes metodológicas para descobrir do que a filosofia trata. A primeira se concentra nas questões e a segunda nas respostas. A primeira atitude é mais promissora do que a segunda, já que questões filosóficas não somente são mais numerosas que respostas filosóficas, mas também são mais persistentes e duradouras. Existe, em outras palavras, um primado das questões sobre as respostas e a disciplina chamada filosofia não é exceção a essa regra. Portanto, uma das melhores maneiras para conhecer do que trata a filosofia é perguntar: O que nós fazemos quando fazemos filosofia? Existe algum tipo de “semelhança de família” — Wittgenstein — a ser encontrada aqui mais em relação às questões filosóficas do que às suas respostas. Essa assimetria entre questões e respostas deveria nos tornar hesitantes e nos alertar para não universalizar uma maneira particular de fazer filosofia, seja ela intra ou intercultural.

O pensamento filosófico intercultural rejeita a ideia de total pureza de uma cultura como um mito, uma ficção. O mesmo se aplica até mesmo à filosofia, que é um dos produtos mais finos da mente e cultura humanas. Nesse contexto, é necessário colocar uma questão geral: Como filosofias europeias, chinesas, indianas, africanas e latino-americanas justificam seu ser europeu, chinês, indiano, africano e latino-americano, e, ao mesmo tempo, compartilham da aplicabilidade universal do termo filosofia? Qualquer resposta a essa questão tem de levar em consideração os elementos interculturais⁶ que irão moldar todas as tradições filosóficas em vários graus.

⁶ N. T.: No original o autor usa o termo *cross-cultural*.

O pensamento filosófico intercultural, portanto, rejeita qualquer absolutismo e alegação exclusiva de qualquer tradição filosófica — seja europeia ou não-europeia — de estar na posse isolada da verdade filosófica única com “V” maiúsculo. Tais alegações absolutistas levam a um culturalismo estreito, o qual é contra o espírito aberto e tolerante de uma orientação filosófica intercultural.

O termo genérico “filosofia” possui tanto aspectos culturais como interculturais. A própria expressão Filosofia Europeia, por exemplo, é testemunha desse fato, já que ela subjaz à aplicabilidade universal do termo genérico “filosofia” junto do uso legítimo do adjetivo “europeia”. É realmente uma contingência histórica dependente de fatores extra-filosóficos que o adjetivo “europeia” tenha universalizado a si mesmo.

2. Filosofia intercultural: o que não é

1. A filosofia intercultural não é o nome de uma tradição filosófica particular, seja ocidental ou não-ocidental. Tal tratamento privilegiado de uma tradição filosófica particular leva ao paroquialismo e ao culturalismo, e se coloca no caminho de um discurso filosófico genuíno que se daria através das interações entre as culturas.
2. A filosofia intercultural também não é somente um ecletismo de diferentes tradições filosóficas justapostas umas às outras.
3. A filosofia intercultural também não é somente mera abstração. Nós não podemos estabelecer a natureza da filosofia intercultural somente *per definitionem*.

4. Também é errado interpretar equivocadamente a filosofia intercultural como uma mera reação ou uma gambiarras diante a situação pluralista *de facto* das tradições filosóficas no contexto global contemporâneo.
5. A filosofia intercultural também não é questão de estetização. Não pode ser confundida também com romantismo e exotismo cultural. É por isso que um alerta é necessário, aqui, contra o duradouro interesse romântico, exótico e, principalmente, amador em tudo que é não-europeu. Em um dos meus muitos diálogos com o famoso filósofo alemão Gadamer, me foi dito que asiáticos, indianos não têm filosofia no sentido ocidental, único e genuíno, do termo. Suas respostas não são realmente respostas para questões filosóficas genuínas. Mas a filosofia indiana, ele acrescentou instantaneamente como se fosse para me consolar, é cheia de sabedoria (*Weisheit*). Esse é um “mantra” já pronunciado pelo famoso Orientalista, Sanscritista e Indólogo, Sir William Jones, no século XVIII.
6. A filosofia intercultural também não é somente uma cria da pós-modernidade, em que pese o fato que o pensamento pós-moderno é muito propício à orientação intercultural.
7. A filosofia intercultural também não é uma filosofia transcultural no sentido de uma fixação transcendental, *a priori*. O prefixo “trans” alega estar na posse de um conceito universalmente válido de filosofia. Mas esse não é o caso quer intraculturalmente, quer interculturalmente. Somado a isso, esse prefixo está sobrecarregado com conotações ontológicas, metafísicas, ideológicas e teológicas.

8. Para a questão sobre se a filosofia intercultural é uma nova disciplina ou ramo adicional da filosofia a ser somada aos já existentes ramos da filosofia como a ontologia, epistemologia, ética *etc.*, a resposta é: não.

3. Filosofia intercultural: O que é

1. Em sua implicação positiva, a filosofia intercultural é o nome de uma convicção filosófica, de uma atitude e de um *insight* de que nenhuma filosofia é a filosofia, nenhuma cultura é a cultura. Tal *insight* acompanha todas as diferentes filosofias e culturas e as previne de se absolutizarem. A interculturalidade da filosofia reside, portanto, em diferentes culturas, mas também transcende seus estreitos limites.

⁷ N. T.:
Mais literalmente:
dessituação situada;
no original,
situated unsituatedness,
e
situação dessituada;
no original,
unsituated situatedness.

2. A filosofia intercultural é constituída por sua “não-contextualidade contextualizada” ou “contextualidade não-contextualizada”⁷. Em outras palavras, alega justamente diferentes adjetivos como, por exemplo, europeu, indiano, chinês, africano, latino-americano e assim por diante. É “situada” sempre quando e todas as vezes em que ela toma uma forma particular. É “dessituada” pois não é esgotada completamente em nenhuma tradição filosófica ou escola de filosofia.

3. Filosofia intercultural, assim entendida, procede metodologicamente da seguinte maneira: Ela não dá desnecessariamente um tratamento privilegiado a qualquer filosofia, cultura ou religião. Ela também rejeita a ideia de uma mera gradação hierárquica de culturas ou filosofias. Ela

toma a ideia de pluralidade cultural com seriedade e a considera como um valor.

4. Qualquer estudo de filosofia a partir de uma perspectiva intercultural se situa além de todo centrismo, seja asiático, europeu ou chinês, para nomear somente alguns. A filosofia em comparação cultural se inscreve em um modelo hermenêutico de reciprocidade, que não toma o outro como somente um eco de si mesmo. É, sem dúvida, verdadeiro que, em nossa tentativa de entender os outros, não podemos evitar completamente o círculo hermenêutico. Por outro lado, temos de tomar cuidado para também não dogmatizá-lo. Aqueles que tomam o círculo hermenêutico como sendo nosso destino filosófico falham em evitar a repetição do autoentendimento em nome do entendimento do outro. Por essa razão, a filosofia intercultural rejeita a ideia de uma hermenêutica da identidade, que é intolerante às diferenças. Em nossa tentativa de entender outros, existe um encontro na diferença. Nós também experienciamos o outro através de sua resistência à nossa tentativa de assimilá-lo completamente.

5. A hermenêutica intercultural que nós invocamos aqui e que subjaz ao nosso conceito de filosofia intercultural é uma hermenêutica não-redutiva, aberta, criativa e tolerante. Ela aprova centros que se intersectam, os procura, os encontra e os cultiva. Essas estruturas que intersectam são os fatores comuns que tornam a comunicação possível e também permitem que filosofias e culturas retenham suas características individuais.

6. A orientação filosófica intercultural aplicada ao discurso filosófico em contexto mundial convida as tradições

filosóficas não-ocidentais, negligenciadas. a tomar uma parte ativa em nome da reciprocidade.

7. A orientação filosófica intercultural defende um processo de emancipação, emancipação entendida não em seu sentido de um processo europeu interno mas no sentido de uma emancipação de tradições filosóficas não-ocidentais dos retratos errados e unilaterais de tais tradições que originaram na Europa.

8. A filosofia intercultural introduz, portanto, a ideia de uma nova historiografia da filosofia, que se despede do caminho eurocêntrico, hegeliano de escrever livros em história da filosofia. A história da filosofia hoje não é somente a história da Filosofia Ocidental, mas, também, a de todas as tradições filosóficas.

9. A filosofia intercultural invoca uma “universalidade mínima” da racionalidade filosófica através de diferenças sedimentadas culturalmente. Em outras palavras, essa universalidade da racionalidade filosófica mostra sua presença em diferentes tradições filosóficas do mundo. Ela, ao mesmo tempo, transcende o limite específico das tradições e as une umas com as outras no sentido do prefixo “inter”. Sua presença é a presença de um “intermediário”, parecendo muito com o conceito wittgensteiniano de “semelhança de família” [*Familienähnlichkeit*].

10. A filosofia intercultural, fiel à sua orientação sedimentada interculturalmente, luta contra a tendência de certas tradições filosóficas de se colocarem em uma posição universal, absoluta.

11. Para a filosofia intercultural, é um mito pensar em uma “europeização da humanidade” (Husserl). É verdade

que existe uma “ocidentalização” global do mundo. Mas “ocidentalização” não é uma “europeização”. Confundimos aqui as mudanças no “*hardware*” com as mudanças no “*software*”.

12. A orientação filosófica intercultural defende a unidade sem uniformidade. Não é uma questão de “unidade na diversidade”, “unidade e diversidade”, “unidade ou diversidade” ou “nem unidade nem diversidade” mas “unidade em face da diversidade”.

13. Uma das características salientes da filosofia intercultural é o cultivo de um *insight* fundante em algum tipo de modéstia metodológica, epistemológica, metafísica, política e religiosa da própria abordagem a caminho da verdade. Muito imbuído no espírito de uma orientação filosófica intercultural, Ganeri fala de dois tipos de orientação: a “orientação por meio da estrela polar” e a “orientação por meio de uma bússola. A estrela polar é um ponto fixado na distância, para o qual o viajante — ou, no caso, o investigador — direciona sua visão [...]. Orientação por meio de bússola é muito diferente” (GANERI, 2012, p. 12). Diferentes padrões de pensamento são como uma bússola nos guiando com a ajuda de diferentes máximas e princípios, em nosso caminho, à ideia reguladora, como a estrela polar.

14. A orientação filosófica intercultural rejeita a tendência de dar tratamento privilegiado indevido aos próprios padrões de pensamento, levando a algum tipo de alegação universal da verdade com “V” maiúsculo.

15. A filosofia intercultural, portanto, leva a uma ampliação das definições estreitas de filosofia em direção a

algo que é compreensível o suficiente para incluir a riqueza do pensamento filosófico em contexto mundial.

16. Uma orientação filosófica intercultural rejeita a ideia de diferença radical e de total identidade entre diferentes maneiras de fazer filosofia. A identidade total é a rua sem saída da filosofia e mesmo a diferença total carece do mínimo acordo entre as maneiras de se fazer filosofia. Esse mínimo comum nos permite aceitar e respeitar que contra-argumentos são, não obstante, argumentos, apesar do fato de eles serem algumas vezes contrários e até mesmo contraditórios.

17. Já que a orientação filosófica intercultural não estabelece o padrão de comparação, aquele *tertium comparationis* único na tradição filosófica particular de alguém, ela nos provém com um pré-requisito próprio para fazer filosofia comparativa. Houve uma constante insatisfação com a disciplina da filosofia comparativa no passado, pois ela começou, implícita ou explicitamente, com uma definição preestabelecida de filosofia que levou a uma diferente forma de centrismo. O eurocentrismo é o resultado não somente da convicção enraizada da filosofia ser unicamente ocidental. É também o resultado de uma contingência histórica em combinação com colonialismo e imperialismo. Para usar uma amiúde usada metáfora: a filosofia comparativa é cega sem filosofia intercultural e a filosofia intercultural é manca sem filosofia comparativa.

18. A universalidade interseccional de uma orientação filosófica intercultural nos capacita a nos abster com sucesso das nossas tendências a absolutizar qualquer tradição particular, sistema ou escola de filosofia.

⁸ N. T.:
Filosofia enquanto filosofia.

19. A orientação filosófica intercultural é bastante crítica da indevida importância atribuída ao então chamado argumento linguístico no estabelecimento da natureza da filosofia. *Filosofia qua filosofia*⁸ não tem uma única língua materna, seja ela grego, alemão, sânscrito ou chinês. É verdade que as estruturas da língua influenciam nossa maneira de fazer filosofia, mas elas não a estabelecem completamente. Heráclito e Parmênides fizeram dois tipos muito diferentes de filosofia na mesma e única língua grega. *Mutatis mutandis*, o mesmo se aplica em casos como os da filosofia budista e filosofia hindu (sânscrito), de Lao Tzu [Laozi] e Confúcio (chinês), de Schopenhauer e Hegel (alemão). Não é o caso dizer que nós que falamos uma língua pertencemos a essa língua. É justamente o contrário. É a língua que falamos que nos pertence.

20. A orientação filosófica intercultural nos leva a desenvolver uma extremamente necessária competência filosófica, que nos capacita a perceber que fazer filosofia de uma maneira diferente é de fato fazer filosofia de uma maneira diferente.

21. Existe um medo difundido apesar de infundado entre certos círculos filosóficos de que a filosofia aqui perde sua identidade, é desconstruída e se torna completamente relativista. Mas o fato é que o aspecto desconstrutivista dessa nova orientação da filosofia intercultural não relativiza a aplicabilidade universal como tal, mas somente o uso absolutista feito desse termo por certas tradições filosóficas que definem a filosofia e suas tradições reciprocamente. A filosofia indiana, por exemplo, é filosofia, e aqui ela intersecta com outras tradições filosóficas. Mas é

também indiana, e aqui ela é diferente e mostra seu enraizamento cultural. Isso é verdade não somente inter como também intraculturalmente. As diferenças adjetivas são iluminadoras, elas talvez sejam complementares, mas elas nunca negam ou mesmo minam a unidade universal do pensamento filosófico.

22. A filosofia intercultural, portanto, defende um processo de emancipação de todos os tipos de centrismo, seja europeu ou não-europeu. A filosofia intercultural permite tratamento diferenciador e preferencial das tradições filosóficas, mas ela não é discriminatória e monolítica. Pelo contrário, ela nos capacita a ver, de modo crítico e simpático, uma dada tradição filosófica do ponto de vista da outra e *vice-versa*. A filosofia intercultural não proíbe a crítica das teorias de uma tradição filosófica por aqueles que trabalham dentro de uma tradição filosófica diferente. Por exemplo, é possível para um filósofo indiano criticar conceitos de causalidade mantidas por um filósofo europeu e *vice-versa*. Entretanto, a condição para a crítica tem como premissa a aceitação de que ambos estão engajados de modo legítimo na atividade filosófica.

4. Em direção a um conceito de uma “quádrupla hermenêutica análoga” interculturalmente orientada

A maneira pela qual os continentes se dirigem uns aos outros hoje é de uma qualidade diferente e acontece em uma atmosfera política, cultural, religiosa e filosófica de inevitável reciprocidade. Essa situação hermenêutica *de facto* é caracterizada pelo fato de que, nas últimas poucas décadas, não-europeus também pensam e escrevem acerca da

Europa, explicam-na e fazem julgamentos acerca dela. Esse dificilmente tem sido o caso desde a invasão de Alexandre, “o Grande”, na Índia, e da descoberta da América por Colombo. Essa nova situação hermenêutica traz ainda o rótulo de uma dialética hermenêutica quádrupla.

Primeiro, antes de tudo, há a maneira com que os europeus entendem a eles mesmos. Segundo, há o entendimento europeu sobre os não-europeus. Terceiro, há a maneira com que não-europeus entendem a si mesmos. E, em quarto lugar, a maneira que eles mesmos desenharam um retrato dos europeus. O fato de que a Europa agora é um objeto de interpretação é bastante surpreendente, principalmente, com certeza, para a mentalidade europeia.

O fenômeno do entendimento é um processo bastante complexo, seja autoentendimento ou entendimento sobre o outro. É uma atitude bastante autocomplacente acreditar que o entendimento de alguém sobre o outro é melhor que seu próprio autoentendimento. Praticamente todos os diferentes ramos do orientalismo e da etnologia, ao menos no passado, têm seguido tal linha de pensamento.

Tendo o entendimento intercultural por objetivo, não podemos apenas insistir na decisão de problemas de entendimento mútuo a respeito da verdade e falsidade de uma certa cultura, religião ou filosofia em uma senda metafísica antes de dar passos no sentido de um entendimento mútuo concreto. Qualquer decisão metafísica ou ideológica *a priori* impede a possibilidade de um entendimento genuíno.

Hoje, temos que levar em conta que existe uma dupla perspectiva que um filósofo, um teólogo e um etnólogo

podem tomar, o que significa que ele ou ela podem voltar-se para si mesmos e fazer de sua própria cultura um objeto de estudo. É melhor ser hesitante na sua pretensão de verdade. Os filósofos podem discutir a questão do conhecimento verdadeiro da melhor maneira epistemológica, mas, em última instância, [tudo] é uma questão da nossa preferência por um conjunto particular de argumentos. Todos os discursos lidam com argumentos a favor ou contra essas preferências. Em direção ao objetivo de um entendimento intercultural, esperamos que todas as culturas argumentem e deixem argumentar. Isso é o que uma hermenêutica epistemologicamente orientada visa. Aqueles que falam acerca do “outro radical” afirmam a verdade para si mesmos e subestimam a importância e a virtude do relativismo e do pluralismo⁹. A estranheza do outro é um fenômeno com o qual nós somos confrontados em nossas próprias culturas natais. A questão sobre tornar compreensível uma cultura estrangeira possui uma reciprocidade constitutiva. Há uma similaridade genérica entre entendimento e desentendimento intra e intercultural.

⁹ Ver *The Morality of Pluralism* de John Kekes (1993).

O alheio, o outro, nos é dado antes de nossa tentativa de entender o outro. Uma hermenêutica que reduz e absorve o outro destrói o espírito de interculturalidade. Em nossa busca por uma hermenêutica adequada da filosofia intercultural, há somente uma hermenêutica que faz justiça a um entendimento sobre o outro. Chamamos aqui essa hermenêutica de “hermenêutica análoga” orientada interculturalmente, significando, portanto, que, onde há uma inacessibilidade do outro em respeito ao conteúdo, tudo em que podemos nos apoiar são padrões estruturais análogos que fazem o entendimento possível além de todo centrismo. A

hermenêutica análoga não demanda identidade de olhares para [que] o entendimento [seja possível].

O encontro de diferentes culturas, filosofias e religiões a que não aspiramos, mas sim que aconteceram conosco no despertar da modernidade com todas as suas formações tecnológicas globais, demanda um diálogo intensivo e recíproco da parte de todos os interessados. O conceito geral de filosofia não possui uma conotação universal além das suas qualidades particulares e adjetivas tais como chinesa, indiana, europeia etc. Isso nos dá o direito de falar sobre interculturalidade. Toda filosofia tem que se vincular a alguma outra e formar um todo maior, tornando toda filosofia um fenômeno intercultural¹⁰. Como uma questão de fato, nós aceitamos e reconhecemos mais de uma *Gestalt* da filosofia. Mas o que ainda está faltando é uma clarificação conceitual e uma teoria sobre uma fundação filosófica da interculturalidade¹¹.

¹⁰ N. T.: No original: *cross-cultural*.

¹¹ Ver WIMMER (1990), *Interkulturelle Philosophie. Geschichte und Theorie*. [Filosofia Intercultural: História e Teoria]; MALL; HÜLSMANN (1989), *Die drei Geburtsorte der Philosophie: China, Indien, Europa*. [Os três berços da Filosofia: China, Índia e Europa]; KIMMERLE (1994), *Die Dimension des Interkulturellen*. [A dimensão intercultural]; CLOPLESTON (1990), *Philosophies and Cultures*. [Filosofias e Culturas]; e JASPERS (1982), *Weltgeschichte der Philosophie*. [História Mundial da Filosofia].

A filosofia é um dos produtos mais refinados da mente e da cultura humanas. Já que a ideia de uma cultura totalmente pura é uma ficção, um mito, melhor dizendo, dificilmente existe qualquer filosofia que possa alegar estar completamente livre de influências. Isso significa que diferentes culturas e filosofias se influenciam umas às outras e ainda mantêm suas características idiossincráticas, que nos capacitam a aplicar diferentes adjetivos aos substantivos filosofia e cultura. Poder-se-ia ir ainda mais longe e argumentar a existência de algum tipo de tautologia na expressão filosofia intercultural, já que a filosofia é por natureza intercultural.

A filosofia é um conceito geral com suas instâncias individuais. Para saber em que ponto reside o caráter geral de intersecção, nos coloquemos a questão: Sob quais condições temos o direito de dizer que duas coisas A e B são, em primeiro lugar, somente diferentes e, em segundo lugar, radicalmente diferentes? Se duas coisas, diga-se duas culturas ou filosofias, são somente diferentes, significa que são duas instâncias de um conceito geral. No caso de nós os tomarmos como radicalmente diferentes, não temos o direito de usar o mesmo conceito geral para nenhum deles, já que eles são diferentes enquanto culturas e filosofias. Em tal caso, não podemos nem articular essa diferença radical, já que o conceito tão geral perde sua aplicabilidade. Portanto, os conceitos de cultura e de filosofia com o qual estamos obrigados a operar têm de ser de um caráter análogo. Nenhuma cultura, seja ela chinesa, europeia, indiana ou qualquer outra, é uma cultura monolítica ou monádica. Qualquer tentativa de examinar culturas enquanto sistemas fechados é metodológica e filosoficamente inválida, e mesmo perigosa politicamente, pois pode levar a uma ideologia do “culturalismo” que imputa valores absolutos a certas culturas e trata as outras como meios para um fim. Mesmo se existisse uma verdade com “V” maiúsculo, nenhuma filosofia, nenhuma cultura, nenhuma religião e nenhum pensamento político poderia alegar a sua posse exclusiva e isolada.

Podemos retrair a origem da cultura e da filosofia profundamente no passado até que o fio contínuo perca suas impressões no profundo abismo do passado. Geralmente, falamos de três terras natais da filosofia: China, Índia e Grécia. A hipótese axial amplamente conhecida de Jaspers

¹² N. T.: No original:
cross-cultural.

¹³ Ver Copleston (1980),
Philosophies and Cultures; e
Mall & Hülsmann (1989),
*Die drei Geburtsorte der
Philosophie: China,
Indien, Europa*.

pleiteia tal visão. Claramente, outras tradições de filosofia existem em outras partes do mundo, incluindo a América Latina e a África. A filosofia, *i. e.*, a atividade em que nos envolvemos quando fazemos filosofia, é, antes de tudo, um universal intercultural¹² e somente posteriormente grega, indiana, chinesa, africana etc. e não o contrário. Sempre me perguntei como o conceito greco-eurocêntrico de filosofia conseguiu se absolutizar exclusivamente e cheguei à conclusão de que os principais fatores eram de uma natureza extra-filosófica, *i. e.*, imperial, colonial e política¹³.

Vale o mesmo para a Europa moderna, sua ciência e tecnologia, que nós temos encontros culturais em um contexto global hoje. A inclinação universalista da mente europeia parece estar parcialmente desiludida, pois é forçada a perceber, agora, que os dias quando a Europa estava destinada sozinha a fazer e a influenciar a história já se foram. Isso também vale para definir o contexto do mundo presente que, por sua vez, contextualiza temas globalmente importantes como cultura, filosofia, religião, ética, artes, literatura, política e ecologia. A demanda por validade e aceitação universais se mostra paradoxal, e a necessidade de um pluralismo compulsório se torna uma incumbência sobre nós. A transculturalidade do aparato conceitual e categorial das ciências naturais e formais são, certamente, diferentes da demanda normativa colocada sobre a atitude de interculturalidade nos campos das humanidades.

O termo genérico “filosofia” possui tanto aspectos culturais quanto interculturais. A própria expressão filosofia europeia, por exemplo, é testemunha desse fato, já que subjaz a

aplicabilidade universal do termo genérico filosofia junto ao uso legitimado do adjetivo europeu.

Para a questão sobre se a filosofia intercultural é uma nova disciplina ou ramo adicional da filosofia a ser somada aos já existentes ramos da filosofia como a ontologia, epistemologia, ética etc., a resposta é: não. A filosofia intercultural, como acima mencionado, é primeiro e antes de tudo o nome de uma atitude filosófica, de uma convicção filosófica de que nenhuma filosofia é a filosofia para toda a humanidade. O mesmo também se aplica *mutatis mutandis* à cultura e à religião.

Em sua palestra programática [intitulada] *Man in the Age of Adjustment*¹⁴, Scheler desenvolveu uma visão cosmopolita sobre o futuro da humanidade e falou acerca de uma fatídica necessidade de um ajuste entre a Ásia e a Europa. É interessante notar que Scheler usa a expressão “Era Mundial”¹⁵ e não simplesmente fala de uma era. O que ele quer dizer é a interligação¹⁶ global de quase todos os eventos no contexto mundial moderno.¹⁷

O contexto intercultural globalmente presente hoje tornou uma coisa abundantemente clara: a situação hermenêutica intercultural *de facto* superou a interpretação de cultura, filosofia e religião greco-europeia e judaico-cristã. Ela demanda uma desconstrução de uma relação exclusiva entre verdade e tradição. Verdade *da* tradição e verdade *na* tradição são duas coisas diferentes e não podem ser confundidas uma com a outra.¹⁸

¹⁴ N. T.: *O Homem na Era da Adequação*, sem tradução para o português.

¹⁵ N. T.: No original: *World Age (Weltalter)*.

¹⁶ N. T.: No original: *network*.

¹⁷ Ver SCHELER, *Philosophische Weltanschauung* [Visão de mundo filosófica] (1968. p. 89-118).

¹⁸ N. T.: As ênfases nos termos *sobre e na* estão presentes no original.

5. Dimensão quádrupla da filosofia intercultural: filosófica, teológica, política e pedagógica

A filosofia intercultural, como a entendemos aqui, possui uma perspectiva quádrupla: filosófica, religiosa, política e pedagógica. O fenômeno da interculturalidade sob a ótica filosófica significa que uma *philosophia perennis* não é uma posse exclusiva de ninguém. Há uma relação metonímica entre o nome e o nomeado. A verdade filosófica única necessita, sem dúvida, da linguagem, mas também resiste à linguisticidade total¹⁹. Há, portanto, mais que um lugar de origem da filosofia.²⁰ É um preconceito pensar que a filosofia tem uma preferência por uma língua, tradição ou cultura, seja ela grega, chinesa, indiana, africana ou outra.

¹⁹ N. T.: No original: *total linguisticity*.

²⁰ Ver MALL & HÜLSMANN (1989).

Sob a perspectiva religiosa, teológica, a interculturalidade é o nome da inter-religiosidade com a firme convicção de que uma *religio perennis* (*sanātana dharma*) também não é uma posse exclusiva de ninguém. A mais alta verdade religiosa necessita de expressão, mas também resiste à expressividade total. Encontramos aforismos em todas as tradições religiosas testemunhando esse fato.

Sob a ótica da política, a interculturalidade é um outro nome para uma atitude democrática pluralista, com a convicção de que a sabedoria política não pertence somente a um grupo, partido ou ideologia. Todas as filosofias da história com a mesma alegação absolutista de possuir a única mensagem real verdadeira são fundamentalistas politicamente e perigosas na prática.

A perspectiva pedagógica é a mais importante, já que prepara o caminho para a implementação prática das outras três dimensões. Ensinar filosofia em uma orientação

filosófica intercultural é, primeiramente, um passo metodológico. Isso significa que todo professor de filosofia, particularmente no campo da história da filosofia, está comprometido a informar estudantes, por exemplo, em suas palestras e seminários sobre epistemologia, que além dos dois significados principais de conhecimento na filosofia ocidental, *i. e.*, sentidos e razão, existem seis significados de conhecimento na epistemologia indiana. O professor de filosofia deveria estar interessado primeiramente em informar os estudantes, e, somente em segundo lugar, em fazer julgamentos acerca da verdade ou falsidade das tradições epistemológicas. Isso significa uma mudança abrangente do currículo de filosofia nas universidades ocidentais, mas também nas universidades de países colonizados por países ocidentais onde a filosofia europeia ainda domina o currículo.

6. Em direção ao conceito de uma historiografia da filosofia orientada interculturalmente

Praticamente todos os livros sobre a história da filosofia no hemisfério ocidental são, na verdade, histórias da filosofia ocidental. Bertrand Russell é uma exceção rara, pois ele intitula seu livro *História da Filosofia Ocidental*. A ideia por trás dessa prática acadêmica longa é essa: todas as qualificações adjetivas são conceitos limitantes, exceto o adjetivo “europeu/ocidental”, que é como se fosse, por natureza, universal em sua implicação. Nós já notamos que essa autouniversalização do adjetivo “ocidental” é uma contingência histórica suportada e imposta por forças coloniais, culturais, imperialistas e mesmo racistas. O famoso

filósofo latino-americano, Leopoldo Zea, fala sobre uma “razão majestática” que somente gregos possuem em oposição aos bárbaros, que somente balbuciam. Zea comenta, com razão: para os bárbaros, os gregos eram balbuciadores.

A “razão colonial” parece possuir uma longa história. Mesmo a ideia de razão dos principais antepassados do Iluminismo europeu é, de longe, muito eurocêntrica e mesmo racista.

Não existe história única; nem conto único da filosofia e isso é verdade para todas as tradições filosóficas entre as culturas. Uma vez, experimentei com essa ideia em um dos meus seminários de filosofia na universidade de Munique (Alemanha) e pedi a quatro estudantes para escreverem um artigo sobre Kant usando quatro livros sobre a história da filosofia: Bertrand Russell, Windelband, Copleston e um livro publicado pela Academia Soviética. Os quatro estudantes vieram com quatro Kants, e estavam se perguntando qual Kant é o Kant real. Eles não se perguntaram se existe [apenas] um Kant para todos os leitores de Kant. É aqui que um professor de filosofia deveria informar os estudantes que existe uma relatividade de pontos de vista. Estamos condenados a ter perspectivas. “A vista de lugar nenhum” é realmente “lugar nenhum”. É verdade que talvez exista um Kant antes de nossa interpretação como um mero referente, mas diferentes maneiras de interpretar Kant resultam em diferentes Kants. Em outra palavra, a virgindade do significado é, sem dúvida, virgem, mas somente antes e não após a interpretação. Pode-se lembrar aqui do conto bíblico da *queda* do homem. Somos todos

simultaneamente realistas e construtivistas, pois não podemos criar *ex nihilo*.

O ensino de filosofia em um espírito intercultural também significaria que os estudantes aprendem que argumentos filosóficos, apesar de sempre necessários, não são por natureza universalmente convincentes. Eles são somente condições necessárias, mas não suficientes para o convencimento. Quem quer que defina argumentos filosóficos como sendo genuinamente filosóficos somente quando eles são convincentes, encontrar-se-ia em uma situação muito incômoda ao não achar nenhum argumento filosófico universalmente convincente até a presente data. O que precisamos hoje é um mapeamento pluralista da história da filosofia. Mesmo o ditado muito frequentemente mencionado de que filosofia é filosofia somente dentro de uma tradição escrita é, de longe, muito logo-centrado.

De acordo com Mircea Eliade, a filosofia ocidental não pode se mover dentro de sua própria tradição sem tornar-se paroquial.²¹ Essas palavras de Eliade se aplicam *mutatis mutandis* a todas as culturas, filosofias e religiões no contexto global de hoje mais do que nunca.

²¹ Ver *O desejo por uma origem*, de Eliade (1973, p. 84), *Ainda*, de Copleston (1980), *Philosophies and Cultures*.

O contexto intercultural globalmente presente hoje tornou uma coisa abundantemente clara: a situação hermenêutica intercultural superou *de facto* a interpretação de cultura, filosofia e religião greco-europeia e judaico-cristã. Ela demanda uma desconstrução de uma relação exclusiva entre verdade e tradição. Verdade *da* tradição e verdade *na* tradição são duas coisas diferentes e não podem ser confundidas uma com a outra.

Alternativas são alternativas e elas têm que ser reconhecidas e respeitadas como tais. Certamente, alternativas perdem seu caráter aberto e tolerante quando elas se colocam em uma posição absoluta. É quase uma piada filosófica que uma pluralidade de absolutos se relativize. O relativismo universalizado se torna absolutismo.

A teoria e a prática de uma historiografia da filosofia orientada interculturalmente não é contra os modelos historiográficos europeus. Somente nega seu centrismo e paroquialismo, que tem se universalizado. Somado a isso, a história da historiografia europeia da filosofia somente pode ser narrada de uma maneira eurocêntrica. Isso certamente se aplicaria a qualquer forma de “paroquialismo universalizado”.

A historiografia eurocêntrica da filosofia, há muito, muito tempo, cultivou a ficção da existência de somente uma terra natal da filosofia, nomeadamente a Grécia. Grandes filósofos, tais como Hegel, Husserl, Heidegger, Gadamer, acreditam em uma tal “universalidade singular”. A dicotomia entre caminhos de pensamento ocidental e oriental é simplesmente um corolário de tal atitude.

No espírito de uma historiografia da filosofia orientada interculturalmente, todos os departamentos de filosofia do mundo todo estão obrigados a ensinar filosofia além dos limites da filosofia europeia. Mesmo o problema de fazer e ensinar filosofia necessita de uma atitude metodológica pluralista. A filosofia nunca foi monolítica em sua metodologia. Isso é verdade apesar das alegações monolíticas e absolutistas de certos sistemas filosóficos e escolas de filosofia.

Nossa orientação filosófica intercultural parece inaugurar algum tipo de uma “Revolução Copernicana” em uma

historiografia da filosofia orientada interculturalmente. Por bastante tempo, foi a filosofia europeia que de algum modo conseguiu estar no centro como a única filosofia-Sol, e todas as outras filosofias como planetas estavam rotacionando em volta desse único Sol da filosofia. Mas agora o Sol perene de uma única filosofia, ao menos como uma ideia reguladora, se coloca no centro e todas as filosofias, sejam europeias ou não-europeias, rotacionando em volta desse único sol da filosofia. É um modelo de inclusão e não de exclusão. A verdade com “V” maiúsculo é uma posse exclusiva de ninguém.

Há diferentes termos normalmente usados para descrever essa situação: descolonização, desconstrução, interculturalização e desconceitualização. Um dos efeitos colaterais devastadores do longo período de colonização foi (em certos quadrantes ainda é) que ele deu à luz a ficção: a filosofia é branca. Nossa orientação filosófica e intercultural não imputa nenhuma cor ou língua particular à filosofia. Não é somente o sistema indiano de castas com suas quatro cores que é discriminatório, mas mesmo filósofos como Kant falam de quatro cores, vermelha, preta, amarela e branca, certamente a branca sendo a melhor em praticamente todos os campos. Recentemente, os protestos de estudantes na prestigiosa *School of Oriental and African Studies* (SOAS)²² demandando que filósofos brancos fossem retirados do currículo é um caso em vista. Mas um alerta é necessário aqui: temos de nos abster de jogar fora o bebê junto com a água do banho.

²² N. T.:
Escola de Estudos
Orientais e Africanos.

A filosofia intercultural não é algo marginal à filosofia; pelo contrário, ela é uma “filosofia autêntica [*hardcore*]”. É

realmente triste que a filosofia intercultural às vezes seja erroneamente vista como se engajando em uma filosofia não-europeia. A filosofia intercultural não é um fenômeno marginal. Tem-se um tipo de “perspectiva da rã do poço” (Chuang Tze [Zhuangzi]) quando a filosofia é exclusivamente equacionada como filosofia europeia. O filósofo vienezense Franz M. Wimmer tem denominado, com razão, tal visão como “euro-equivalência”²³, que é pior que o eurocentrismo de Hegel. Hegel ao menos se deu ao trabalho de mencionar e comparar a filosofia e a cultura europeias com outras tradições filosóficas, certamente concedendo a elas o estatuto de um estágio muito cru e muito tenro de filosofia. A euro-equivalência nem mesmo vê qualquer necessidade de comparar. Isso é pior do que o eurocentrismo do passado.

²³ N. T.: No original, *eurequalism*, ou *euro-igualdade*.

²⁴ N. T.: editado por A. Chakrabarti e R. Weber (2015). *Filosofia Comparativa sem Fronteiras*, sem tradução para o português.

²⁵ N. T.: No original, *fusion philosophy*.

²⁶ N. T.: No original, *borders*.

²⁷ N. T.: No original, *horizontal fusion*.

²⁸ N. T.: No original, *vertical fusion*.

²⁹ N. T.: Ed. bras. *História e Verdade*. Trad. F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.

Em seu bem argumentado e prospectivo livro, intitulado *Comparative Philosophy without Borders*²⁴, A. Chakrabarti e R. Weber falam sobre três estágios da filosofia comparativa. O terceiro estágio, que eles preferem, é denominado como “filosofia da fusão”²⁵ com um olhar aberto, deixando para trás todas as fronteiras²⁶ separadoras. Em completo acordo com essa intenção dos autores, eu gostaria de lembrá-los que o famoso e muito influente filósofo alemão Hans-Georg Gadamer também usava um termo similar, a “fusão de horizonte” (*Horizontverschmelzung*), mas significando ali não um diálogo sem-fim de tradições filosóficas — orientais e ocidentais — mas uma fusão sob o guarda-chuva da filosofia ocidental. A “fusão de horizonte” (*Horizontverschmelzung*) de Gadamer não defende uma “fusão horizontal”²⁷ de diferentes tradições filosóficas em todo o mundo. Pelo contrário, visa uma “fusão vertical”²⁸ sob a

tradição filosófica ocidental como a única tradição de filosofia. Isso é Hegel disfarçado.

²⁹ N. T.: Ed. bras. *História e Verdade*. Trad. F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.

Paul Ricoeur, em seu livro *Histoire et Vérité*²⁹, coloca a questão: Por que é impossível ser um hegeliano? E sua resposta é: pois, para Hegel, qualquer outro caminho para se ter sentido que não o dele é sem sentido. Para Ricoeur, como ele comenta, isso é meramente o assassinato de outras filosofias.

7. Minha formulação sobre alguns imperativos para aprender, fazer e ensinar filosofia no espírito de uma orientação filosófica intercultural

1. Lembre que nenhuma filosofia — seja intra ou interculturalmente — é a filosofia. A “vista de lugar nenhum” é realmente “lugar nenhum”.
2. Evite toda tentação e fixação de um *tertium comparationis* em qualquer tradição filosófica em particular — seja ocidental ou oriental.
3. Abstenha-se da alegação de estar na posse exclusiva do “sentido original, virgem” de um texto.
4. Diferencie entre ser único e ser absoluto.³⁰
5. Lembre-se que filosofar diferentemente é fazer e perceber filosofia diferentemente. Existe uma básica assimetria entre questões e respostas, problemas e soluções, soluções se prendendo atrás dos problemas.
6. Tome como um mote: a real questão não é como se livrar das diferenças, mas como lidar com elas.

³⁰ N. T.: No original:
*Differentiate between
uniqueness and absoluteness.*
Ou
*Diferencie entre
unicidade e absolutidade.*

7. Reconheça e respeite diferentes maneiras de, digamos, por exemplo, ler um texto ou uma tradição, exceto uma leitura que não reconheça qualquer outra leitura.

8. Lembre que argumentos filosóficos, religiosos, políticos e outros podem ser contrários e, por vezes, realmente contraditórios, mas argumentos são, não obstante, argumentos. Isso é onde a diferença não somente se junta a nós, mas é também obrigatória e compulsória.

9. Lembre-se, a lógica da identidade total é essencialista demais e a lógica da diferença radical é relativista demais. A justa medida³¹ entre essas duas posições opostas é a lógica equilibrada da intersecção, que reconhece similaridades básicas e diferenças iluminadoras, capacitando-nos a filosofar e a deixar filosofar.

³¹ N. T.: No original, *golden mean*.

10. Lembre-se de que “filosofia ocidental” e “filosofia oriental” são de fato construções intelectuais de alto nível. Qualquer distinção rígida, radical, entre modos de pensamento e um desenvolvimento filosófico linear culminando em algum sistema filosófico único, tal como o sistema de Hegel, Advaita Vedanta ou a fenomenologia de Husserl, é ridículo.

No espírito de nossa convicção filosófica intercultural, quero finalizar minha palestra citando com total aprovação e apreciação as palavras de Ganeri a serviço dos objetivos da filosofia acadêmica em um contexto filosófico mundial orientado interculturalmente. Essa é a ideia central de seu promissor modelo para uma “Re:emergência Filosófica”. Ganeri escreve:

O mundo da filosofia acadêmica está entrando agora em uma nova era, uma definida não por necessidade

colonial de reconhecimento nem pelo desejo pós-colonial de integração. Os indicadores dessa nova era incluem elevada apreciação dos valores das filosofias mundiais, a internacionalização do corpo estudantil, o pluralismo filosófico onde integração e migração nos novos movimentos globais tornam-se salientes, interesses crescentes acerca da diversidade dentro de um corpo acadêmico e cânone curricular ainda muito brancos, e a identificação de uma gama de problemas estruturais profundos com a academia filosófica contemporânea em suas práticas discursivas, de citação, de referência, arbitrárias e de ranqueamento. Estamos entrando no que podemos chamar de ‘a era da re:emergência’, um novo período... (GANERI, 2016, p. 136).

Meu sonho é, esperançosamente, não muito utópico: filosofar em um espírito de orientação filosófica intercultural de tal maneira que a “escada” da filosofia intercultural não seja mais necessária.

Ram Adhar Mall

Professor da Friedrich-Schiller-Universität Jena
Fundador da Sociedade Internacional de Filosofia Intercultural

João Alves de Souza Neto (tradutor)

Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas e
Bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo.
Professor de Geografia da Educação Básica da Estância
Hidromineral de Poá

<https://orcid.org/0000-0003-1720-4221>

Referências

- CHAKRABARTI, Arindam; WEBER, Ralph (Ed.). *Comparative Philosophy without Borders*. Londres: Bloomsbury Academics, 2015.
- COPLESTON, Frederick Charles. *Philosophies and Cultures*. Oxford: Oxford University Press, 1980.
- DABASHI, Hamid. Entrevista concedida a Samira Shackle. *New Humanist*. 29 Jul. 2015a. Disponível em: <https://newhumanist.org.uk/articles/4912/can-non-europeans-think-an-interview-with-hamid-dabashi>.
- DABASHI, Hamid. *Can non-Europeans think?* London: ZedBooks, 2015b.
- ELIADE, Mircea. *Die Sehnsucht nach dem Ursprung [O desejo por uma origem]*. Wien: Otto Müller Verlag, 1973.
- GANERI, Jonardon. A Manifesto for Re:emergent Philosophy. *Confluence: Online Journal of World Philosophies*, v. 4, p. 134-141, 2016.
- GANERI, Jonardon. *Identity As Reasoned Choice*. London: Oxford University Press, 2012.
- JASPERS, Karl. *Weltgeschichte der Philosophie [História Mundial da Filosofia]*. Editado a partir do espólio por Hans Saner. München; Zürich: Piper Verlag, 1982.
- KEKES, John. *The Morality of Pluralism*. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- KIMMERLE, Heinz. *Die Dimension des Interkulturellen [A dimensão intercultural]*. Amsterdam: Rodopi, 1994.
- MALL, Ram Adhar; HÜLSMANN, Helmut. *Die drei Geburtsorte der Philosophie. China, Indien, Europa [Os três berços da Filosofia: China, Índia e Europa]*. Bonn: Bouvier, 1989.
- RICOEUR, Paul. *História e Verdade*. Tradução de F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1968.
- RUSSELL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental*. Tradução de Álvaro Cabral. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SCHELER, Max. *Man in the Age of Adjustment*. [S.l.: s.n., s.d.]. (Palestra).
- WIMMER, Franz Martin. *Interkulturelle Philosophie. Geschichte und Theorie*. Vol. 1. Wien: Passagen Verlag, 1990.